

*Emilie Snethlage**Emil-Heinrich Snethlage**Emilie Snethlage*

Uma mulher à frente do seu tempo

TEXTO: GLEICE MERE

FOTOS: © ARQUIVO PESSOAL DA FAMÍLIA SNETHLAGE

Em agosto de 1905, a ornitóloga alemã Emilie Snethlage, 37, chega ao Museu Goeldi, em Belém, no Pará, para preencher o cargo de assistente em zoologia. Ela foi a primeira pesquisadora do sexo feminino a ser contratada como funcionária pelo estado do Pará. Na Alemanha, foi uma das primeiras mulheres a fazer um curso acadêmico em Ciências Naturais e se tornou uma das pesquisadoras mais significativas da história da ornitologia brasileira. Realizou pesquisas em regiões da Amazônia que até então haviam sido pouco exploradas. Entre 1914 e 1922, foi diretora do Museu Goeldi. Apesar do trabalho de vanguarda e de ter tido amigos ilustres, como o presidente Roosevelt, que também se interessava por ciências naturais e pela região amazônica, a sua biografia é pouco conhecida no Brasil e na Alemanha.

Durante a Primeira Guerra Mundial, devido à sua nacionalidade, Snethlage permaneceu reclusa em um convento durante um ano e meio. A “reclusão privilegiada” só se tornou possível em virtude da intervenção de Roosevelt, que se sensibilizou ao saber que a amiga pesquisadora, como os demais alemães que viviam no Brasil na época, era prisioneira política em um local de péssimas condições. Durante este período, ela foi afastada de seu cargo de diretora do museu, mas foi readmitida em seu posto logo após o final da guerra.

Devido à crise do Ciclo da Borracha, o estado do Pará não pôde mais financiar as pesquisas do Museu Goeldi, o que obrigou Snethlage a trabalhar para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, na função de naturalista viajante.

Emil-Heinrich Snethlage entre os índios Moré*Emilie Snethlage no Museu Goldi, Pará*

Em uma de suas numerosas expedições científicas, ela sofreu um acidente que até os dias de hoje é lembrado por seus familiares em Aachen. Certa vez, ela viajava por um rio da Amazônia em um barco movido a remo. Distraída, colocava as mãos na água como se estivesse remando, quando foi mordida por uma piranha. Emilie ainda tentou salvar o que restou do dedo do meio da mão direita. Fez um curativo e imobilizou-o com uma tala. No entanto, após alguns dias, com o avanço da infecção, ela teve que amputar parte do próprio dedo, visto que nenhum de seus companheiros de expedição teve coragem de realizar a “cirurgia”.

Ao final de novembro de 1929, um empresário alemão enviou um telegrama do Rio de Janeiro à família de Emilie Snethlage, comunicando sua morte em Porto Velho, hoje capital de Rondônia. Ela morreu de ataque cardíaco durante uma viagem de pesquisa. Em sua última carta, escrita aos seus irmãos na Alemanha, em 4 de novembro de 1929, Emilie descreve a rotina de seus últimos dias. “A minha

vida é monótona, mas apazível, principalmente durante as manhãs, quando me embrenho na mata e retorno à casa somente às duas ou três horas da tarde. Então eu almoço, preparo os pássaros, tomo banho no rio, janto, depois faço minhas anotações, escrevo etiquetas, jogo paciência, folheio alguma revista antiga, me deito na rede e, costumeiramente, adormeço rápido e bem.”

Emil-Heinrich Snethlage, herança científica

Emil-Heinrich Snethlage, influenciado pela tia, estudou ornitologia. Logo após a defesa de sua tese de doutorado, em 1923, viajou ao Brasil a fim de acompanhar a pesquisadora em uma expedição ao Nordeste. Após quase um ano de pesquisa de campo, Emilie deixou o sobrinho prosseguir viagem sozinho. Ele permaneceu no Maranhão até 1926. Durante este período, Emil-Heinrich teve contato com os índios Guajajara e passou a se interessar pelo campo da etnologia. Em 1927, foi contratado pelo Museu Etnográfico de Berlim para ser

responsável pela coleção de objetos indígenas da América do Sul. Entre 1933 e 1935, realizou uma expedição para estudos e coleta de objetos de povos indígenas da região do rio Guaporé, área de fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Na Bolívia, fez contato com os índios Moré e Itoreauhip. No Brasil, coletou informações e objetos de povos indígenas hoje extintos, como os Kumaná, Abitana Huanyam, Amniapä, Guaratägaja e Pauserna-Guarayu. O grupo dos Chiquitano encontra-se espalhado entre o Brasil e a Bolívia. Também visitou povos que até hoje vivem na região de Rondônia, como os Makurap, Jabutí, Arikapú, Wayoro, Aruá e Tuparí.

Emil-Heinrich Snethlage morreu em 1939, aos 42 anos, em consequência de um ferimento causado por um exercício de guerra. Deixou um diário de viagem manuscrito de 1042 páginas que, recentemente, foi digitalizado por seu filho Rotger Snethlage. Ao seu legado também pertence um filme mudo de 40 minutos e diversas fotografias. Há uma extensa coleção de objetos coletados por ele durante a expedição, que fazem parte do acervo do Museu Etnográfico de Berlim, e 49 cilindros de cera. Estes pertencem ao Arquivo Fonográfico de Berlim, que é reconhecido pela Unesco.

Em junho de 2009, integrantes dos povos Makurap, Tuparí, Kanoê e Aruá, por iniciativa do especialista em arte plumária, Andreas Schlothauer, e da fotógrafa e pesquisadora Gleice Mere, em conjunto com os Museus Etnográficos de Berlim, Viena e do Museu das Culturas de Basiléia (Suíça), terão a oportunidade de conhecer objetos da coleção Snethlage, entre outras. Mais detalhes sobre o projeto no link: <http://about-amazonas.ilov.de/guapore/index.php>

Emilie Snethlage com sua espingarda à procura de pássaros na floresta Amazônica



Apesar da imensa contribuição histórica, o arquivo de Emil-Heinrich Snethlage foi pouco estudado. Recentemente foram feitos esforços no sentido de digitalizar os cilindros de cera e publicar o diário inédito, no entanto, não há apoio financeiro de instituições brasileiras ou alemãs para cobrir os custos das publicações. ■

Erratum

Tópicos zieht hiermit den in der letzten Ausgabe veröffentlichte Beitrag "Die Amazonas-Sammlung Fittkau" (Nr. 3/2008, S. 44) zurück. Der Beitrag war in dieser Form nicht autorisiert. *Tópicos* bedauert entstandene Missverständnisse.